Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA

The (i)materiality of culture

Leonardo Luiz Silveira da SILVA
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – Campus Salinas.
Leonardo.silveira@ifnmg.edu.br

Alfredo COSTA
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – Campus Almenara.
Alfredo.costa@ifnmg,edu,br

Resumo

Neste artigo, reanimamos a discussão acerca da materialidade da cultura a partir de debates recentes que que apontam, entre outros, a impossibilidade de sua representação espacial. Objetivamos apresentar uma contribuição à desconstrução da materialidade desta importante categoria oferecendo, como alternativa à materialidade e à objetividade da abordagem cultural, a dialética que envolve o homem e o meio. Em uma discussão longe de ser trivial, trazemos uma experiência didática acerca da apresentação do tema da transcendência material da cultura. Acrescentamos a abordagem assertiva de Augustin Berque como uma forma de mediar a materialidade e a imaterialidade da cultura Ao final, alertamos para o risco do descuido discursivo, visto que a reflexão teórica aqui proposta se expressa por intermédio de dialéticas subjetivas, ou trajetivas. Destacamos, todavia, que mesmo a dialética pode se apresentar limitadora em determinadas situações, as quais pontuamos.

Palavras-chave: Cultura. Materialidade. Imaterialidade. Ensino de cultura.

Abstract

In this article, we bring up the discussion about the materiality of culture based on recent debates that point, among others, to the impossibility of its spatial representation. We aim to contribute to the deconstruction of the materiality attributed to this important category, offering the dialectic that involves man and the environment as an alternative to the characteristically material and objective cultural approach. In a discussion that is far from trivial, we bring a didactic experience about the material transcendence of culture. The assertive approach of Augustin Berque's is presented as a way of mediating the materiality and immateriality of culture. At the end, we warn about the risk of discursive neglect, since the theoretical reflection proposed here is expressed through subjetive or trajective dialetics. We exemplify, however, cases in which even dialectics can be limiting in certain situations.

Keywords: Culture. Materiality. Immateriality. Culture teaching.

INTRODUÇÃO

O texto de Don Mitchell (1995) foi como um bálsamo às nossas elucubrações. O incômodo frente à abordagem estritamente materialista da cultura tem nos aparentado incompleta e enviesada. Eis que tivemos acesso ao artigo *There´s no such thing as culture*, publicado por Mitchell no prestigioso periódico *Transactions of the Institute of British Geographers*. Neste artigo, o autor critica as abordagens ontológicas da cultura, disparando contra baluartes da geografia cultural, acusando-os de propor abordagens reificadas da cultura, que em sua visão acabam servindo para reafirmar as posições hegemônicas de classe, que seriam em si, forças responsáveis por definir os componentes de um pretenso corpo cultural estereotipado. O artigo experimentou reações e inaugurou um interessante debate que se entremeou, *inter alia*, na discussão entre materialidade e imaterialidade (JACKSON, 1996; COSGROVE, 1996; DUNCAN; DUNCAN, 1996; MITCHELL, 1996; KONG, 1997).

O embate entre o materialismo e o idealismo não é propriamente novo, pelo contrário, é literalmente platônico. Todavia, a sua teorização e prática não pertencem ao senso comum e são recorrentemente negligenciados na academia. A negligência se explica desde o desconhecimento acerca das bases da dicotomia mente *versus* matéria até mesmo por uma ação deliberada. Sabe-se, por exemplo, que as abordagens radicalmente idealistas podem criar dificuldades às estratégias discursivas de abordagens sociais, como tem sido apontado por

diversos autores (JACKSON, 1997[1]; RELPH, 2001[2]; VALENTINE, 2001[3]; BARNETT, 2004[4]; SEEMANN, 2004[5]), o que justificaria o apego exclusivo à materialidade como uma estratégia política.

A virada cultural e linguística que floresceu na década de 1960 foi um ambiente prolífico dos embates entre materialismo e idealismo (MIKESELL, 1978[6]; COSGROVE, 1993[7]; BURGESS, 1996[8]; CLAVAL, 2001[9]; VALENTINE, 2001[10]), fazendo com que – no âmbito da geografia – as reações ao neopositivismo enquanto *mainstream* hegemônico dos anos 1950[11] (BURTON, 1963; HARTSHORNE, 1978; HARVEY, 1986; JOHNSTON, 1986; CAPEL, 2013)[12] se mostrassem muito distintas. Destacam-se, por exemplo:

[1] Peter Jackson (1997) acredita que as relações sociais amparadas pelas normas, códigos de comportamento, sentimentos e valores morais ficaram legadas a um segundo plano no contexto dominante da virada cultural.

[2] A pós-modernidade também se desenvolveu no contexto da virada cultural. Edward Relph faz uma ressalva às abordagens desconstrutoras de significados: "Não sei como é possível desenvolver uma visão e advogar por reformas sociais se nós não podemos ter clareza em como descrever o mundo" e ainda prega: "é desonesto desistir da visão de uma sociedade justa simplesmente porque o mundo pós-moderno é uma bagunça" (RELPH, 2001, p.150, tradução livre).

[3] "Os críticos à virada cultural argumentam que a abordagem centrada em significados, identidade e representações talvez tenham conduzido geógrafos a perder a referência das consequências e efeitos muito reais das identidades sociais e processos, ignorando a economia política da diferença e as relações de poder". (VALENTINE, 2001, p.168, tradução livre).

[4] Para Barnett (2004), os argumentos identificados com a virada cultural são fortemente dependentes da crítica pós-modernista acerca das epistemologias totalizantes e essencialistas, das quais o marxismo – taxado de economicista, reducionista, determinista e baseado em classes – é um suspeito primário.

[5] A dita geografia cultural tradicional também sofreu críticas similares àquelas que foram observadas na virada cultural. Geógrafos sociais, sobretudo na Alemanha, classificaram o período morfológico que tem em Otto Schlüter e Sauer expoentes como um momento estéril, que representou em "verdadeiro empecilho para o desenvolvimento da geografia social" (SEEMANN, 2004, p.73, tradução livre).

[6] Mikesell (1978) considera que até o ano de 1978, os geógrafos culturais demonstravam maior foco no estudo e levantamento da cultura material, sintetizada nos artefatos, arquitetura e toda sorte de evidências ligados ao registro do trabalho humano. A descrença com a abordagem exclusivamente materialista coincide com o próprio questionamento dos pressupostos da escola de Berkeley.

[7] Denis Cosgrove complementa a abordagem de Mikessel (1978) ao ressaltar o foco de Sauer na cultura material, principalmente se apoiando no fato de que "a recente virada cultural nas ciências sociais e humanidades nos ensinou que a natureza é por si só uma construção cultural" (COSGROVE, 1993, p.516, tradução livre).

[8] Burgess (1996) argumenta que a paisagem congrega natureza e cultura, materialidades e imaterialidades, intermediando as abordagens materialistas e idealistas.

[9] Como lembra Claval (2001b), o apego pela abordagem material da cultura passou a ser entendido como superado pelos geógrafos culturais, pois o avanço da modernização e padronização técnica em escala global teria eliminado as particularidades materiais, criando constrangimentos sérios aos estudos das geografias vernaculares.

[10] Apesar das polêmicas trazidas pelos confrontos ideológicos, a virada cultural "tem sido positiva para a geografia, permitindo que novas teorias críticas pudessem emergir, abrindo espaço para a abordagem de tópicos que eram considerados fora do escopo da abordagem geográfica" (VALENTINE, 2001, p.167, tradução livre)

[11] O caráter nomotético da geografia mostrou-se tão forte no período pós-2ªGuerra Mundial que o prestigioso periódico *Geographical Review* chegou a publicar o trabalho do físico John Q. Stewart (1947) intitulado *Empirical Mathematical Rules concerning the Distribution and Equilibrium of Population*.

[12] Burton (1963), Hartshorne (1978), Harvey (1986), Johnston (1986) e Capel (2013) são importantes leituras para a compreensão do contexto do florescimento da geografia quantitativa.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

a) a geografia humanista, de base fortemente idealista e fenomenológica[13], que tem em Yi-Fu Tuan (1971;1980; 2013), Edward Relph (1970; 1976; 1981) e Anne Buttimer (1979) textos seminais. Apesar da notoriedade desta corrente somente se consolidar nos anos 1970, autores de viés humanista negligenciados em seu contexto já haviam publicado textos com abordagem semelhante em décadas anteriores, como John K. Wright[14] (2014), em 1947, e Eric Dardel[15] (2011), em 1952;

b) a geografia crítica, de base fortemente materialista, que se origina na França, mas se aproveita de um contexto de insatisfação social intercontinental. Na França, especificamente, os protestos de estudantes em 1968 abriram espaço para a renovação acadêmica. Tem em Yves Lacoste (2005[16]) um dos seus textos fundadores. No Brasil, a figura de Milton Santos se destaca em inúmeras obras de cunho essencialmente crítico (SANTOS, 2004a; 2004b; 2012; 2014).

É importante destacar que não cremos na materialidade das correntes enquanto rótulos, como se os mesmos abrigassem uma massa homogênea de pensamento. Cremos, acima de tudo, na pluralidade e diversidade do pensamento. Por outro lado, não acreditamos que os rótulos devam ser banidos; afinal, são formas de expressão didáticas que muitas vezes facilitam a comunicação. Basta termos a compreensão de que os rótulos não se constituem como entidades monolíticas ou tiranias autocentradas quintessenciais que se impõem sobre os seus asseclas.

Carl Sauer durante muitos anos imperou nos estudos culturais em geografia, sendo uma referência para a geração seguinte (DENEVAN E MATHEWSON, 2009; GADE, 2011). Nos anos 1980, a chamada nova geografia cultural[17], paulatinamente rompeu com a tradição da escola de Berkeley e com os pressupostos de Carl Sauer (2008), tornando-se palco de forte discussão da dicotomia entre o materialismo e o idealismo, e todas as outras dicotomias que

[13] O termo fenomenologia foi utilizado poucas vezes na geografia anteriormente à sua incorporação pela geografia humanista. Ainda assim, nestas ocasiões, muita pouca atenção foi dada aceca do seu significado (Entrikin, 1976). De acordo com Nicholas Entrikin (1976) o uso do termo fenomenológico [phenomenological] no interior da perspectiva humanista foi originalmente utilizado em dois artigos da revista The Canadian Geographer: "*Geography, Phenomenology, and the Study of Human Nature*", de autoria de Tuan (1971) e "*An Inquiry into the Relations Between Phenomenology and Geography*", de autoria de Edward Relph (1970).

[14] Wright (2014) penetra no campo da percepção humana ao falar sobre a *terrae incognitae*. A expressão, que se refere às porções do espaço que são desconhecidas, manifesta-se de forma diferente a partir de visões comunitárias e/ou individuais. Argumenta o autor: "de fato, se olharmos de suficientemente perto – toda a Terra parece uma imensa colcha de retalhos de mini *terrae incognitae*. Mesmo que uma área seja minuciosamente mapeada e estudada por um exército de micro geógrafos, muito sobre sua geografia sempre permaneceria desconhecida e, deste modo, se hoje não há terra incógnita em sentido absoluto, não há também terra absolutamente cógnita" (WRIGHT, 2014, p.7, tradução livre), mostrando por meio deste discurso que faz mais sentido pensar na experiência humana como reticular do que propriamente poligonal ou areal.

[15] Eric Dardel lembra que toda a geografia está na análise da paisagem. Salienta ainda que "a paisagem é a geografia compreendida com o que está em torno do homem, como ambiente terrestre. Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão que une todos os elementos" (DARDEL, 2011, p.30, tradução livre).

[16] Yves Lacoste ressalta em "*A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*" o papel político que a disciplina possui.

[17] A chamada nova geografia cultural, que floresceu nos anos 1980, parece ter abrigado teóricos que buscaram se descolar do rótulo da geografia radical ou marxista. Enquanto proposta de abordagem, a nova geografia cultural aproxima-se da corrente radical pela importância que dá ao social, ao político e ao econômico (CRESSWELL, 2010). Muitos novos geógrafos culturais apresentam-se fortemente engajados com a ontologia marxista, enquanto que outros acabam incorporando elementos da geografia humanista (MELS, 2003).

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

acabam estar por eles amparadas: matéria *versus* ideias; objetividade *versus* subjetividade; sujeito *versus* objeto. O artigo de James S. Duncan[18] (1980) que criticou fortemente o legado deixado pela escola de Berkeley é um marco (LEY, 1981), mas não veio sem polêmica (SCHEIN, 1997)[19]. Parte expressiva dos fundamentos da nova geografia cultural são alicerçados pelas teorizações que floresceram no contexto da virada cultural.

O debate envolvendo o materialismo e o idealismo persistiu, e foi prolongado com a chegada tardia da discussão da pós-modernidade na geografia (MINCA, 2009). Notavelmente, autores identificados com o marxismo e com outras teorias sociais tem se dedicado a promover críticas contundentes à abordagem pós-modernista. Barney Warf (1990) argumenta que para a pós-modernidade, a realidade é um quebra-cabeça, uma colcha de retalhos de infinita complexidade, um caleidoscópio eclético e a insistência do modernismo nas generalizações é uma fantasia arrogante (WARF, 1990, p.591). A princípio, pode nos causar um estranhamento, pois o idealismo também é atacado pelos pressupostos pós-modernistas. Os princípios sobre os quais repousavam as sociedades ocidentais perderam a sua credibilidade: é isto que leva muitos a dizer que vivemos a passagem para a pós-modernidade (CLAVAL, 1999). O pós-modernismo é basicamente uma revolta contra a racionalidade do modernismo (DEAR, 1988; 1994; LEMOS, 1999; CORREIA, 2008). Para Rogério Haesbaert (1997), o pós-modernismo colocou em xeque a própria legitimidade da razão como fundamento ou como única via para o conhecimento e a transformação do mundo. Todavia, o idealismo parece ser mais capaz de se reinventar frente às críticas do pós-modernismo, enquanto que o materialismo é desconstruído em seu âmago. Por isto podemos coletar críticas incisivas contra a pós-modernidade vindas de autores que entendem que a materialidade das classes é componente *sine qua non* do discurso social (EAGLETON, 1998; ANDERSON, 1999).

Muitos autores não veem sentido na dicotomia entre o idealismo e o materialismo. Tim Ingold (1993) se nega a ver um mundo onde mente e matéria estão apartados. Esta é a mesma perspectiva de Augustin Berque (2012; 2017) quando o autor em questão evoca os conceitos de geogramas e trajeção. Concordamos com a perspectiva de Berque. Nesse artigo, objetivamos apresentar uma contribuição à desconstrução da materialidade da cultura, sem que isso nos leve ao idealismo radicalizado e carente de dialética, que é uma crítica que estabelecemos à Leonard Guelke (1974; 1979; 1982) e que problematizaremos adiante. Propomos uma intermediação entre a materialidade e a imaterialidade dos fatos geográficos, apoiados na reflexão de Augustin

[18] A abordagem de Sauer é tida por alguns como conservadora e fortemente interessada à investigação do modo de vida rural (MUIR, 1998), o que ajuda a explicar a crescente oposição aos seus fundamentos à medida que o mundo se urbaniza. Nos trabalhos de Sauer é destacada, com ênfase, a influência da noção do superorgânico trazida por Alfred Kroeber (1917) no início do século XX, que passou a ser fortemente criticada dentro da antropologia, mas que, por alguma razão, permaneceu viva em abordagens geográficas acadêmicas até pelo menos o final do século (DUNCAN, 1980). A crítica centra-se justamente na abordagem voltada para a cultura material, que passou a ser duramente contestada. James Duncan atribui uma frase a Franz Boas que ilustra o teor dessas críticas: "é difícil conceber a necessidade de ver a cultura como uma entidade mística que existe paralelamente à sociedade e que possua movimento próprio" (BOAS *apud* DUNCAN, 1980). O trabalho de Sauer intitulado *The personality of Mexico* é uma marca do tratamento reificado dado à cultura. Em suas palavras: "A velha linha entre o sul civilizado e a Chichimeca tornou-se menos nítida, mas ainda existe. Nesta antítese, que em alguns tempos significava conflito e noutros a complementariedade de qualidades, repousa a força e a fraqueza, a tensão e a harmonia que construíram a personalidade do México" (SAUER, 1941, p.364).

[19] Price e Lewis (1993a) rebateram os argumentos de Duncan (1980) e envolveram-se em um grande debate travado por meio de publicações com expoentes da geografia cultural (COSGROVE, 1993; DUNCAN, 1993; JACKSON, 1993; PRICE; LEWIS, 1993b). Para os autores, muitas das críticas que recaem sobre a escola de Berkeley são desmedidas.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Berque e reafirmamos nosso ponto de vista apresentado em outras publicações, defendendo a relação dialética entre matéria e mente no lugar da mera dicotomia. No nosso desenvolvimento, apresentamos também uma estratégia didática que problematiza a materialidade cultural, por meio de um questionário aplicados à alunos do Ensino Médio do IFNMG-campus Salinas. Esta estratégia não visa, em si, sustentar a falência da materialidade cultural; constitui-se tão somente como um recurso didático eficiente para problematizar a árida transcendência da materialidade para alunos da educação básica.

1 A PROBLEMÁTICA DA (IN)TANGIBILIDADE CULTURAL

Como dissemos, há algum tempo refletimos sobre a (in)tangibilidade da cultura (SILVA; COSTA, 2018a; 2018b; 2020). A partir de uma perspectiva baseada nas perspectivas pós-coloniais que transcendem a materialidade da cultura (SAÏD, 2007[20]; 2011[21]; EAGLETON, 2011[22]; BHABHA, 2013[23]; HALL, 2013[24]), desconstruímos sua tangibilidade e criticamos sua reificação. Para tanto, partimos da perspectiva de que as culturas são comunidades imaginadas – parafraseando Bennedict Anderson (2008) – pois sua caracterização não representa a pluralidade identitária que estaria sob os seus domínios. A abordagem de Anthony Cohen (1993) nos aprecia, sobretudo quando o mesmo sugere que – na dimensão dos estudos culturais – as identidades assumam posição prioritária frente à cultura. As identidades, por sua vez, fragmentadas espaço-temporalmente (HALBWACHS, 1990[25]; BONNEMAISON[26], 1994; HALL, 2006[27]; BHABHA, 2013[28]; NANDY, 2015[29]), não são passíveis de serem representadas

[20] No posfácio do livro Orientalismo: o Oriente como uma invenção do Ocidente, Edward Saïd (2007) estabelece dura crítica à Samuel Huntington (1997) e a Bernard Lewis (2002, 2003, 2004, 2010), justamente pela sua posição totalizante acerca da cultura.
[21] Em Cultura e Imperialismo, Saïd (2011) dá fartos exemplos sobre a fluidez cultural, em que manifestações coletivas e individuais se entremeiam espacialmente.
[22] Eagleton (2011) acredita no caráter dinâmico, permeável e híbrido da cultura.
[23] Bhabha (2013) acredita no caráter espacialmente fendido e temporalmente adiado das identidades que justamente desconstrói a mítica ideia acerca de uma área cultural isotrópica.
[24] Hall (2013) crê que o processo de reprodução identitária que apoia a transmissão cultural se dá como em uma repetição-com-diferença ou recirprocidade-sem-começo, deixando claro a crença na instabilidade da cultura pensada espaço-temporalmente.
[25] Maurice Halbwachs (1990) trabalha com a questão da formação identitária por meio de um processo que envolve a memória coletiva e a individual, em um processo dialético.
[26] Joel Bonnemaison (1994) traz uma interessante analogia identitária da Polinésia, que se apresenta a partir da ideia de uma canoa e uma árvore. A analogia envolve uma experiência espaço-temporal identitária na qual a experiência do deslocamento do homem não apaga o passado experiencial, compondo-o em um arranjo complexo.
[27] Hall (2006), por sua vez, já vê as mudanças identitárias ocorrendo sob a influência de determinados processos históricos, que não definem as identidades, mas participam de sua formação.
[28] Ver nota 23.
[29] Ashis Nandy (2015) argumenta que a Índia preserva resquícios ideológico-culturais originados de outros lugares e que não existem mais em sua origem: "A Inglaterra vitoriana e eduardiana ainda está mais viva em bolsões da Índia do que na Inglaterra. A Pérsia sobrevive na Índia nas suas versões islâmica e pré-islâmica, de muitas maneiras mais confortavelmente do que no Irã hoje. Algumas das variantes mais criativas e humanas do Islã florescem no sul da Ásia, não como seitas marginais, dissidentes, mas como partes da linha principal do Islã. E é claro, há mais estalinistas na Índia do que na Rússia" (NANDY, 2015, p.84). Estas fraturas espaço temporais somente podem ser explicadas em âmbito identitário, pois a pulverização cultural é tamanha que não se sustenta enquanto um corpo tangível de uma ampla coletividade, bem como por meio de uma espacialização (SILVA; COSTA, 2020).

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

de forma totalizante. Por esta razão rechaçamos a possibilidade de representação cartográfica da cultura, como muitos já propuseram, a exemplo de Samuel Huntington[30] (1997).

Nossa abordagem não se trata de um *ode* ao idealismo radical. Concordamos com Mitchell (1995) quando o mesmo considera que a desconstrução da reificação das categorias sociais não é o mesmo que desconsiderar os efeitos práticos da consideração acerca de sua existência. Em outras palavras, negar a existência da raça e do gênero não significa dizer que não existam os efeitos do racismo e do preconceito no seio da sociedade (JACKSON, 1998; GUIMARÃES, 2002; 2004; 2009). Reside neste ponto a importância da abordagem de Berque (2012; 2017), que concilia as dimensões da materialidade e imaterialidade. Refletiremos sobre esta abordagem posteriormente.

Constitui-se como um clichê o argumento de que o conceito de cultura é um dos mais problemáticos das humanidades. Independente dos termos sugeridos para a definição de cultura, parece-nos muito claro que a sua abordagem reificada é problemática para as ciências humanas e, em especial, para a geografia, dada as dificuldades especiais localizadas na tentativa de compreender as interações entre cultura e espaço. Don Mitchell (1999) ressalta os problemas da insistência da abordagem ontológica da cultura:

a) a ideia de cultura exige localização; requer que as distinções sejam claramente demarcadas às custas da confusão escalar da interação social;
b) cultura é uma ideia que integra dividindo, mesmo quando mais e mais atividades são submetidas à sua influência;
c) por meio de sua própria complexidade, cultura serve para ofuscar aquilo que se propõe nomear;
d) o poder da cultura está em sua capacidade de ser usada para descrever, rotular ou identificar atividades em entidades estáveis, de modo que possam ser chamadas de atributos de um povo (MITCHELL, 1999, p.47)

A descrição ou delimitação de uma cultura é mais do que um processo de generalização. Afinal, você pode se descrever como um brasileiro que não é representado em sua dimensão particular pelo samba e futebol. A cultura é uma imposição, um processo social de nomear e definir. Expõe os poderes das classes dominantes, mas também permite a desmitificação de movimentos oposicionais (MITCHELL, 1999).

2 DIDATIZANDO A (IN)TANGIBILIDADE CULTURAL

Transcender a materialidade da cultura não é um exercício trivial, justamente pela força das relações sociais que cotidianamente se lançam sobre nós. Somos bombardeados diariamente por todos os tipos de estereótipos e adjetivações fáceis que buscam generalizar aquilo que é passível de uma complexa descrição. Enquanto professores, elaboramos uma atividade que busca tão somente descontruir a imagem de uma mítica cultura íntegra e homogênea. Esta

[30] Samuel Huntington (1997) em seu livro "*O Choque das civilizações*" propôs uma regionalização do mundo em áreas supostamente homogêneas do ponto de vista cultural. A diferença inter-regional por ele determinada, que se trata de uma generalização grosseira e insustentável, explicaria a ocorrência dos conflitos no período pós-Guerra Fria.

atividade apenas visa apontar um indício da dificuldade de conceber as características culturais de forma consensual. Inclusive reconhecemos a amostra limitada, composta por alunos de uma mesma instituição e faixa etária, que não nos autoriza a utilizá-los como evidência inquestionável da intangibilidade cultural. Todavia, é um esforço meramente ilustrativo das nossas elucubrações teóricas, as quais consideramos possuir rigor.

Como reagiria um grupo de pessoas mediante a indagação: de que forma você descreveria a cultura brasileira ou, em outra escala, a cultura mineira? Para ilustrar a falta de consenso sobre o tema, aplicamos 152 questionários em um grupo relativamente homogêneo (todos os estudantes pertencentes ao mesmo nível de ensino e à mesma instituição de ensino). Trata-se de um grupo de alunos do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Câmpus Salinas, matriculados entre a 1ª e a 3ª série do Ensino Médio Técnico. A pesquisa foi feita no formato de *survey*[31] de caráter quantitativo, interseccional, auto aplicado, com amostragem não-probabilística por acessibilidade (BABBIE, 1999). Foram observados os princípios éticos da pesquisa social descritos por Vaus (2002) da participação voluntária, do consentimento informado, do respeito à confidencialidade, do anonimato e da privacidade.

O questionário fazia a seguinte solicitação: "Liste, por ordem de importância, cinco palavras ou expressões que, na sua visão, melhor representam a cultura brasileira. Faça o mesmo para a cultura mineira". Em relação à primeira solicitação, os respondentes apresentaram 182 palavras ou expressões, em um universo de 760 possíveis, que foram agrupadas de acordo com a sua frequência, das quais 107 foram mencionadas apenas uma vez. No Quadro 1 são apresentadas aquelas que foram citadas por pelo menos 10% dos respondentes.

Quadro 1: Palavras ou expressões que melhor representam a cultura brasileira segundo pelo menos 10% dos entrevistados*

Palavra ou expressão	Menções (un.)	Menções por total de respondentes (%)
Carnaval	79	52,0%
Futebol	71	46,7%
Culinária	43	28,3%
Feijoada	28	18,4%
Samba	26	17,1%
Festas/comemorações/festividades	22	14,5%
Músicas/músicas agitadas	22	14,5%
Corrupção	18	11,8%
Diversidade	17	11,2%
Praia/litoral	17	11,2%

*152 questionários aplicados a alunos do Ensino Médio Técnico do IFNMG-Campus Salinas.
Fonte: Organizado pelos autores em 2019.

[31] De acordo com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (BRASIL, 2016), não houve necessidade de submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa. A todos os entrevistados foi entregue um termo de participação livre e consentida.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Dentre as palavras ou expressões mencionadas, também aferimos aquelas que foram citadas na primeira posição, como as mais representativas. Obtivemos como resultado 54 palavras ou expressões diferentes, sendo que apenas duas foram destacadas por mais de 10% dos entrevistados: carnaval e futebol. As palavras destacadas por pelo menos 2% dos entrevistados encontram-se relacionadas no Quadro 2.

Quadro 2: Palavras ou expressões apresentadas como as que mais representam a cultura brasileira segundo pelo menos 2% dos entrevistados*

Palavra ou expressão	Menções (un.)	Menções por total de respondentes (%)
Futebol	26	17,1%
Carnaval	26	17,1%
Samba	10	6,6%
Festas/comemorações	7	4,6%
Culinária	7	4,6%
Corrupção	6	3,9%
Diversidade	6	3,9%
Jeitinho brasileiro	3	2,0%
Política	3	2,0%
Receptividade/hospitalidade/acolhimento	3	2,0%
Feijoada	3	2,0%

*152 questionários aplicados a alunos do Ensino Médio Técnico do IFNMG-Campus Salinas.
Fonte: Organizado pelos autores em 2019.

A pulverização de respostas também se manifestou nos questionários acerca daquilo que se considera como constituição da cultura mineira, como se vê nos Quadros 3 e 4: 185 palavras ou expressões foram utilizadas para caracterizar a cultura mineira, das quais 125 foram mencionadas apenas uma vez, e 39 foram destacadas como as mais importantes. Destas últimas, apenas “pão de queijo”, “linguagem/gírias/sotaque” e “culinária” foram mencionadas por mais de 10% dos respondentes.

Quadro 3: Palavras ou expressões que melhor representam a cultura mineira segundo pelo menos 10% dos entrevistados*

Palavra ou expressão	Menções (un.)	Menções por total de respondentes (%)
Linguagem/gírias/sotaque	91	59,9%
Pão de queijo	78	51,3%
Culinária mineira/tempero	56	36,8%
Festa de São João	33	21,7%
Queijo	33	21,7%
Receptividade/acolhimento	21	13,8%
Roça/ruralidade/fazendas	20	13,2%
Minerais/mineração	17	11,2%
Forró	17	11,2%

*152 questionários aplicados a alunos do Ensino Médio Técnico do IFNMG-Campus Salinas.
Fonte: Organizado pelos autores em 2019

Quadro 4: Palavras ou expressões apresentadas como as que mais representam a cultura mineira segundo pelo menos 2% dos entrevistados*

Palavra ou expressão	Menções (un.)	Menções por total de respondentes (%)
Pão de queijo	36	23,7%
Linguagem/gírias/sotaque	29	19,1%
Culinária	22	14,5%
Festa de São João	8	5,3%
Queijo	7	4,6%
Humildade/simplicidade	4	2,6%
Receptividade/acolhimento	3	2,0%

*152 questionários aplicados a alunos do Ensino Médio Técnico do IFNMG-Campus Salinas.
Fonte: Organizado pelos autores em 2019

Estes resultados somente ilustram a intangibilidade da cultura, reforçando nossos apontamentos quanto à mesma se tratar de uma imaginação coletiva mal delimitada em seu escopo e constituição. Há de ressaltar que, em um grupo relativamente homogêneo de entrevistados, pudéssemos encontrar opiniões mais consensuais acerca do fenômeno investigado. Como impressão da reação dos estudantes, percebemos até mesmo certa dificuldade em refletir sobre estas características que seriam marcantes sobre a constituição da cultura.

Hall (2006) aborda que, na contemporaneidade marcada pela existência predominante de identidades pós-modernas, a apropriação de valores morais e estéticos apresenta-se profundamente fraturada, em um processo de deslocamento espaço-temporal do sujeito que agride as bases constituintes do senso de nacionalidade, "reforçando laços e lealdades culturais "acima" e "abaixo" do nível do Estado-Nação" (HALL, 2016, p.73). Processo similar ocorre com os regionalismos e com outras representações espaciais culturais de maior escala: sempre inserindo e excluindo as dimensões relativas do micro e do macro, transformando a

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

tangibilidade da cultura em uma fábula. É um processo dialético tal como aquele que Haesbaert (2012) salienta como determinante do caráter regional no mundo globalizado: condicionado e condicionante de suas forças, que atribuem ao seu caráter implacável dinamismo. Por isso, não nos causa estranheza o fato de alguns ícones nacionais e regionais, cantados em verso e prosa, sejam obliterados pelo caráter errático da identidade.

3 INTERMEDIANDO A MATERIALIDADE E A IMATERIALIDADE

Marvin Mikesell (1983) argumenta que o Estado-Nação é um mito; Kenichi Ohmae (1999) acredita que o Estado-Nação, da forma como entendemos, chegou ao fim, suplantando pelos Estados-Região; Bertrand Badie (1995; 1999) fala no fim dos territórios e da soberania; Paul Gilroy (1998) defende que não falemos na existência de raça; Bennedict Anderson (2008) refere-se às nações como comunidades imaginadas e Mitchell (1995) acredita que não existe aquilo que chamamos de cultura[32]. Estes são exemplos acadêmicos de como nos confrontamos com a materialidade e a imaterialidade. O debate transcende a academia e vai para a dimensão da vida cotidiana. Acreditamos que a resposta ao materialismo extremado não é o idealismo radical. Ao mesmo tempo, assim como Ingold (1993), negamos a visão apartada entre matéria e mente. A interface entre a materialidade e a imaterialidade não é simples. Contudo, é possível propor uma intermediação das duas dimensões na abordagem geográfica. Seria dantesco se a análise geográfica se enveredasse por uma busca panglossiana de descrição da realidade intangível, formada pela materialidade e as múltiplas intersubjetividades (SILVA, 2020).

Em 1978, Denis Cosgrove já abordava as dialéticas que envolvem o homem e o ambiente, a materialidade e a imaterialidade, ao dizer que "as ideias humanas moldam a paisagem, as intenções humanas criam e mantém lugares, mas a nossa experiência no espaço e no lugar propriamente molda as ideias humanas" (COSGROVE, 1978, p.66), e ainda salienta: "a racionalidade dialética requer que a mente e a matéria seja vista em interação uma com a outra" (COSGROVE, 1978, p.70, tradução livre).

Outros nomes como J. Wreford Watson (1983) endossam o trânsito entre a materialidade e a imaterialidade:

> Eu tenho concluído que a alma da geografia é a geografia da alma. Parcela do progresso da geografia tem sido mostrar que os sonhos e as ambições, sentimentos e crenças (em outras palavras, as coisas que são associadas ao espírito humano) são a medida, e deste modo formatam o mapa das geografias do mundo. Decidem qual estrutura geológica, quais formas da terra, quais climas e sistemas ecológicos terão importância ou irão jazer na insignificância geográfica (WATSON, 1983, p.393, tradução livre).

A forma de Augustin Berque elaborar a materialidade e a imaterialidade constitui-se como uma maneira de problematizar a dicotomia entre a objetividade e a subjetividade. Na verdade, na dimensão de Augustin Berque (2017), a objetividade e a subjetividade, matéria e ideias, são

[32] "Diversos autores, ao focarem em diferentes objetos de análise, desconstroem a materialidade de categorias, conceitos e concepções as quais se acredita serem portadoras de materialidade espacial.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

extensões de um mesmo fenômeno, sendo sua dicotomia, *stricto sensu*, falaciosa. De certa forma os geogramas (BERQUE, 2012) apresentam-se periféricos ao seu pensamento, que tem no conceito de trajeção o seu microcosmo.

> A trajeção, por sua vez, é o processo evolutivo no qual o ambiente é antropizado pela técnica e humanizado pelo símbolo, o que faz um meio humano e onde, simultaneamente, em retorno, este meio condiciona o humano para, indefinidamente, humaniza-lo de volta e assim por diante (BERQUE, 2017, p.6).

Assim, Berque define que o ambiente e o homem estão em constante interação material e imaterial, de tal maneira que se torna desafiante separar estas duas dimensões interativas. Desta forma, contestando a dicotomia entre a objetividade e a subjetividade que guiam a interpretação da paisagem, o autor define que "em suma, a realidade do meio não é propriamente objetiva (porque ela pressupõe uma interpretação), nem propriamente subjetiva (porque ela pressupõe o ambiente). Ela é trajetiva" (BERQUE, 2017, p.7).

A apropriação da abordagem de Berque, aplicado à cultura, não soluciona a questão quanto à dificuldade de sua representação; todavia, apresenta-se como uma forma providencial de reconhecer a materialidade dos efeitos da cultura como comunidade imaginada e ao mesmo tempo entender que dialética entre homem ambiente, *per si*, explica o dinamismo e a intangibilidade identitária e cultural. Concordamos com Mitchell (1995) e Jackson (1999) quando os mesmos argumentam que o entendimento da cultura como portadora de um corpo tangível e descritível é dado por relações de poder que se impõem verticalmente. É importante considerar que a transcendência da cultura não é uma autorização para o vilipêndio de bens patrimoniais que simbolizam sua materialidade; é, na verdade, o convite a uma reflexão mais autônoma e libertária do indivíduo e sua percepção acerca do seu lugar no mundo e suas relações topofílicas (TUAN, 1980), topofóbicas (TUAN, 2005), o escapismo (TUAN, 1998) e o lamento topocídico (PORTEOUS, 1988; PORTEOUS; SMITH, 2001)[33].

Transcender a materialidade não significa abandoná-la. Não entendemos também que uma estratégia assertiva seja abordar dois mundos apartados entre a materialidade e a imaterialidade. Tampouco acreditamos que o idealismo extremado seja uma resposta para a abordagem estritamente material.

Leonard Guelke (1979), entusiasta do idealismo, assumiu: "minha posição é o idealismo metafísico, porque, em oposição ao naturalismo e ao materialismo, considera que a atividade mental tem uma vida própria que é independente das coisas e processos materiais" (GUELKE, 1979, p.80, tradução livre). A frase de Guelke possui contornos paradoxais à medida que não fica evidenciada a dialética entre matéria e mente, fundamental na reflexão de Berque. Ao utilizar a palavra metafísica, contudo, Guelke evidencia que o seu idealismo não ignora a materialidade como composição da leitura espacial.

A argumentação central do idealismo para Leonard Guelke (1974) é que a explicação do comportamento racional humano demanda um modo de entendimento bastante diferente da

[33] Topofilia, topofobia, escapismo e topocídio são termos muito conhecidos e comuns aos estudos da geografia humanista. Portadores de especificidades, os termos tratam-se das relações que um indivíduo estabelece com o lugar ou com a paisagem a partir de sua experiência.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

explicação de fenômenos não humanos. A visão idealista de Guelke como opção para a geografia humana tem como objetivo a autonomia e a idiografia deste campo de estudo em alternativa às abordagens nomotéticas que caracterizam a metodologia das ciências da natureza (GUELKE, 1982). Em sua perspectiva, Guelke acredita que um geógrafo que deseja estudar um grupo de trabalhadores rurais não precisa de detalhada informação sobre a constituição física destes trabalhadores, sendo mais importantes as formas em que cada um deles entende cotidianamente aquela atividade, tanto como constituintes dos seus labores cotidianos quanto composições de suas identidades e visões de mundo. Todavia, para Guelke, alguns aspectos da vida material não podem ser negligenciados: na dimensão do mesmo exemplo dos trabalhadores rurais, argumenta que o acometimento por uma enfermidade, que faz parte de um dado material, é importante para entender a forma como um trabalhador doente se relaciona com o trabalho.

Existem aqueles que criticam severamente a abordagem de Guelke. Michael Curry (1982a; 1982b) se apresenta como um dos seus críticos. Curry acredita que ele e Guelke "carregam noções muito diferentes daquilo que possa ser uma disciplina intelectual formal" (CURRY, 1982b, p.58, tradução livre). Apesar de reconhecer a repercussão da abordagem de Guelke para a geografia, estabelece como problemáticos os seguintes pontos do artigo "*An idealist alternative in human geography*", que se trata de um trabalho ampla repercussão:

- argumenta que a escolha racional, defendido por Guelke como o foco para a interpretação dos pensamentos que estão por trás das ações humanas, não consegue esgotar as preocupações dos geógrafos referentes ao espaço, lugar e a paisagem. Curry (1982a) diverge do escopo assumido por Guelke acerca da posição racional do homem[34];
- Curry critica a forma como Guelke se apropria da abordagem do historiador Robin George Collingwood. Guelke vê uma associação direta entre a ação do homem e o pensamento que está por trás dele. A ação seria uma expressão ou manifestação do pensamento. Curry acredita que a abordagem é limitada, pois acredita que onde Guelke vê uma chave para a interpretação da ação humana, "o geógrafo vê um complexo mundo de complexos lugares e ações, um mundo no qual as intencionalidades participam de forma mais incisiva em um caso e menos incisiva em outro; um mundo, enfim, no qual a magnitude do papel das intencionalidades pode ser determinado apenas em uma base

[34] As escolhas racionais do homem podem ser baseadas em fantasias que não se sustentam em nenhum ângulo da materialidade. O que se torna mais relevante para a compreensão do comportamento humano é a ação que está por trás daquilo que se acredita ser "a verdade" e não a "verdade" necessariamente (ou seja, a verdade entendida subjetivamente) (Lukermann, 1964). A complexidade de se entender e interpretar as escolhas racionais aumenta quando consideramos as ações em múltiplas arenas políticas. Quando a ação do homem aparentemente não condiz com o "princípio da racionalidade", diz-se que foi feita uma opção subótima, em que os ganhos [*payoffs*] advindos de um jogo não foram os melhores possíveis. A perspectiva do homem racional não permite espaço para esse tipo de escolha. Contudo, tais escolhas parecem se observar na dinâmica concreta das interações. Sem abandonar o pressuposto da racionalidade, podemos explicar tais escolhas: George Tsebelis (1998) trabalha com a hipótese dos jogos aninhados – que seriam jogos em múltiplas arenas – a partir das quais escolhas subótimas seriam possíveis. Na visão de Tsebelis (1998), casos de escolhas aparentemente subótimas seriam exemplos de discordância entre o sujeito que realizou a ação e o intérprete. Segundo essa abordagem, haveria duas possibilidades explicativas para essa discordância: ou o sujeito que realiza a ação de fato escolhe uma estratégia não-ótima (ação irracional) ou o intérprete estaria enganado: não teria observado, neste caso, o conjunto dos jogos que estariam sendo jogados pelo sujeito observado.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

individual, caso por caso, observando as formas de vida[35] [*forms of life*] individualmente" (CURRY, 1982a ,p.38);

- Curry acredita que a abordagem de Guelke acerca do idealismo é fracamente amparada pelos grandes teóricos da filosofia. Vê que os geógrafos "são turistas na terra da filosofia" (CURRY, 1982a, p.40), e, portanto, estas abordagens precisam de aportes teóricos bem mais robustos do que os que Guelke oferece.

É importante destacar que considerar a relevância do campo material e das abstrações para a leitura do espaço não garante a interpretação dialética da interpretação geográfica. A visão fragmentada destes campos dicotômicos de interpretação pode conduzir a uma leitura simplificada que leve o intérprete a uma espécie de soma descritiva das dimensões mente e matéria. A trajeção de Augustin Berque é virtuosa por colocar mente e matéria em um mesmo plano analítico, no qual a própria transformação do espaço opera por meio de uma relação entremeada e indissociável. O idealismo metafísico assumido como *modus operandi* de Guelke (1979) não parece jazer na dialética trajetiva berqueniana: "a abordagem idealista para a explicação das ações humanas não negligencia os aspectos materiais da existência humana, mas insiste que tais aspectos devam ser tratados a partir do pensamento dos indivíduos que estão envolvidos" (GUELKE, 1974 p.200, tradução livre). Na perspectiva trajetiva, fica evidenciado que a argumentação de Guelke falha ao não apontar os efeitos da materialidade sobre as ideias, propondo somente o caminho inverso da interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo reafirmamos nosso ponto de vista expresso em publicações recentes (SILVA; COSTA, 2018a; 2018b; 2020) acerca da necessidade de transcender a materialidade cultural. Apesar de ser um debate presente na geografia anglófona desde a ascensão da corrente da nova geografia cultural, é incipiente no Brasil, o que já nos permite justificar parcela expressiva de nossas referências como fontes estrangeiras. Para além da dicotomia materialidade *versus* imaterialidade, vemos a necessidade de uma transcendência dialética, tal como preconiza Augustin Berque (2012, 2018). Esta transcendência revela que o homem age sobre o meio, alterando-o; como contrapartida, a experiência humana sobre o meio interfere na forma do homem perceber o mundo, interferindo em suas ações sobre o meio e sobre os outros homens.

A opção por tratar dois extremos em uma dialética pode não ser a solução teórica para a interpretação do espaço. Onde alguns veem a dicotomia ordenando o espaço, outros podem ver múltiplas relações entrelaçadas. Em determinadas situações até mesmo a abordagem dialética pode ser simplificadora, pois pode se apresentar limitada por dois polos que se apresentam totalizantes. Ainda que a dialética possa relativizar posições no interior destes polos, apresentar-se-ia como limitada à luz da descoberta de que tais polos não representam, de fato, a totalidade das posições que intereferem na interpretação. A dialética homem e natureza não consegue expressar os comportamentos humanos em sua plenitude, à medida que as relações entre os

[35] O famoso conceito lablachiano "gêneros de vida" é geralmente traduzido para a língua inglesa como *lifeways*. Apesar disso, o sentido aplicado no contexto da frase de Michael Curry possui aproximação com o sentido lablachiano.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Vol. 2, n. 2, mai./ago. 2020.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

homens apresentam-se como dialéticas que se entrecruzam[36] em planos diferentes frente à relação homem e natureza. Portanto, as dialéticas multidimensionais parecem melhor explicar o comportamento humano e o arranjo do espaço. A interação complexa das dialéticas multidimensionais ataca o âmago da entificação de categorias coletivas, como a cultura, visto que somente pode ser refletida sobre o ponto de vista identitário, dado o caráter excepcional do acúmulo da experiência na formação da memória. Tentando simplificar a complexidade da teoria, afirmamos que a dialética presente na trajeção berqueniana é perpendicular à dialética entre a memória individual e coletiva, marcadamente abordada por Halbwachs (1990).

Em meio à nossa abordagem, apresentamos uma estratégia didática para facilitar a compreensão da transcendência da materialidade aplicada à cultura. Junto à alunos do Ensino Médio, aplicamos questionários nos quais os resultados apontam para o caráter não consensual da composição da cultura. Não queremos utilizar os seus resultados como um meio de validar o nosso esforço teórico; o instrumento aqui apresentado apenas mostrou evidências dos apontamentos feitos pela nossa teorização. Todavia, ainda é necessário desenvolver métodos eficazes para exprimir o fenômeno que abordamos. Consideramos a possibilidade deste fenômeno só se expressar por intermédio de dialéticas subjetivas ou, na concepção de Augustin Berque (2017), trajetivas. Nesse sentido, o resultado dos questionários aqui apresentados seriam assimétricos frente a dimensão do nosso objeto de investigação.

De todo modo, é curioso observar no grupo de alunos entrevistado a falta de consenso acerca da constituição cultural. É fundamental ressaltar que a negação da materialidade da cultura não significa a desconsideração dos efeitos materiais advindos da crença acerca de sua existência. A ideação sobre a cultura não é consensual, mas exprime relações de poder, como argumenta Mitchell (1995) e Jackson (1999). Como resposta ao artigo de Don Mitchell (1995), Jackson (1996) fez questão de alertar que as abordagens que negam a materialidade de fenômenos tais como a cultura, raça ou gênero, podem ser facilmente entendidas como evidências de insensibilidade cultural. Consideramos neste ponto que a discussão sobre a (i)materialidade da cultura passa pela atenção à estrutura do discurso, para que ambiguidades em um assunto tão sensível não nos conduzam à incompreensão no ato de interlocução. O debate que propomos tem relevância na geografia, tanto acadêmica como escolar. São fartos os exemplos de representações materialistas, estereotipadas e totalizantes no seio de nossa disciplina. Transcender a materialidade é urgente e necessário.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de Survey**; tradução de Guilherme Cezarino – Belo Horizonte: Ed. UFMG. 519p, 1999.

BADIE, Bertrand. **O Fim dos territórios. Ensaio sobre a desordem internacional e sobre a utilidade social do respeito.** Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

[36] Por dialéticas entre os homens entendemos as relações envolvendo diversas polarizações sociais, como posições de classe social, cor, gênero, sexo, idade e outras.

BADIE, Bertrand. **Um mundo sem soberania. Os Estados entre o artifício e a responsabilidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

BARNETT, Clive. A critique of cultural turn (in): DUNCAN, James S.; JOHNSON, Nuala C.; SCHEIN, Richard H. **A companion to cultural geography**. Malden: Blackwell Publishing ltd, 2004.

BERQUE, Augustin. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos. **Geograficidade**, v.2, n.1, verão, p.4-12, 2012.

BERQUE, Augustin. A cosmofania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p.4-16, inverno, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2013.

BONNEMAISON, Joel. **The Metaphor of the tree and the canoe**. Tradução de Peter Crowe. *Pacific Arts*, n.9-10, p.21-24, jul-1994.

BURGESS, Jacquelin. Editorial. **Landscape Research**, v.21, n.1, p.5-12, 1996.

BURTON, Ian. The Quantitative Revolution and Theoretical Geography. **The Canadian Geographer,** v.22, i.4, p.151-162, 1963,

BUTTIMER, Anne. Reason, Rationality and human Criativity. **Geografiska Annaler**, series B, v.61, n.1, p.43-49, 1979.

CAPEL, Horácio. Neopositivismo e Geografia Quantitativa. (in): CAPEL, Horacio. **Ruptura e continuidade no pensamento geográfico**. Maringá: EDUEM, 2013.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**, v.1, n.2, p.7-26, 1999.

CLAVAL, Paul. The cultural approach and geography – the perspective of communication. **Norsk Geografisk Tidsskrift – Norwegian Journal of Geography**, v.55, n.3, p.126-137, 2001.

COHEN, Anthony P. Culture as identity: An Anthropologist´s view. **New Literary History**, v.24, p.195-209, 1993.

COSGROVE, Denis. Place, landscape, and the dialetics of cultural geography. **The Canadian Geographer**, v.XXII, n. 1, p.66-72, 1978.

COSGROVE, Denis. On "the reinvention of Cultural geography" by Price and Lewis. **Annals of the Association of American Geographers**, v.83, n.3, p.515-517, 1993.

COSGROVE, Denis. Ideas and culture: a response to Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.21, p.574-575, 1996.

CRESSWELL, Tim. New cultural geography – an unfinished project? **Cultural geographies**, v.17, n.2, p.169-174, 2010.

CURRY, Michael. The idealist dispute in anglo-american geography. **The Canadian Geographer**, v.26, i.1, p.37-50, March, 1982a.

CURRY, Michael. The idealist dispute in anglo-american geography: a reply. **The Canadian Geographer**, v.26, i.1, p.57-59, 1982b.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEAR, Michael. The Postmodern Challenge: Reconstructing human geography. **Transactions of British Geographers**, new series, v.13, n.3, p.262-274, 1988.

DEAR, Michael. Postmodern Human Geography: A Preliminary Assessment. **Erdkunde**, v.48, n.1, p.2-13, march, 1994.

DENEVAN, William M.; MATHEWSON, Kent. **Carl Sauer on culture and landscape: readings and commentaries**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2009.

DUNCAN, James. The superorganic in american cultural geography. **Annals of the Association of American Geographers**. V.70, nº2, june, p.181-198, 1980.

DUNCAN, James. Commentary. **Annals of the Association of American Geographers**.v.83, n.3, p.517-519, 1993.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. Reconceptualizing the Idea of Culture in Geography: A Reply to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**. New Series, v.21, n.3, p.576-579, 1996.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. Reconceitualizando a idéia de cultura em geografia: uma resposta a Don Mitchell. **Espaço e Cultura**, UERJ, Edição Comemorativa, p.111-115, 2008.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.66, n.4, P.615-632, December, 1976.

GADE, Daniel. Carl Sauer e a força da curiosidade nas pesquisas geográficas. (in): CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

GILROY, Paul. Race ends here. Abringdon, Oxford: **Ethnic and racial studies**, vol.XXXI, nº5, pp.838-847, 1998.

GUELKE, Leonard. An idealist alternative in human geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.64, n.2, June, p.193-202, 1974.

GUELKE, Leonard. Idealist human geography? **Area,** v.11, n.1, p.80-82, 1979.

GUELKE, Leonard. The idealist dispute in anglo-american geography: a comment. **The Canadian Geographer,** v.26, i.1, p.51-57, March, 1982.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito e Discriminação**. São Paulo: Editora 34, 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo, Editora 34, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Questões sobre a (pós-) modernidade. **Geouerj**, n.2, p.7-22, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior (in): HALL, Stuart - Sovik, Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2013.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec Edusp, 1978.

HARVEY, David. **Explanation in Geography**. Bristol: Edward Arnold, 1986.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque das Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaelogy**, v.25, n.2, p.152-174, 1993.

JACKSON, Peter. Berkeley and Beyond: Broadening the Horizons of Cultural Geography. **Annals of the Association of American Geographers**. V.83, n.3, p.519-520, 1993.

JACKSON, Peter. The idea of culture: a response to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.21, p.572-573, 1996.

JACKSON, Peter. Geography and the cultural turn. **Scottish Geographical Magazine**. V.113, n.3, p.186-188, 1997.

JACKSON, Peter. Constructions of "Whiteness" in the geographical imagination. *Area*, v.30, n.2, p.99-106, 1998.

JACKSON, Peter. Commodity cultures: the traffic in things. **Transactions of British Geographers**, n.24, p.95-108, 1999.

JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo: Difel, 1986.

KONG, Lily L. L. A "new" cultural geography? Debates about invention and reinvention. **Scottish Geographical Magazine**, v.113, n.3, p.177-185, 1997.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, antes de tudo, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2005.

LEWIS, Bernard. **Os assassinos: os primórdios do terrorismo no islã.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

LEWIS, Bernard. **O que deu errado no Oriente Médio?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEWIS, Bernard. **A crise do islã: Guerra Santa e Terror profano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEWIS, Bernard. **A descoberta da Europa pelo islã.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

LEY, David. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.5, p.249-257, 1981.

LUKERMANN, Fred E. Geography as a Formal Intellectual discipline and the way in which contributes to human knowledge. **The Canadian Geographer**, v.8, i.4, p.167-172, 1964.

MELS, Tom. Landscape unmasked: Kenneth Olwig and the ghostly relations between concepts. **Cultural Geographies**, v.10, p.379-387, 2003.

MIKESELL, Marvin W. Tradition and innovation in cultural geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.68, n.1, p.1-16, march, 1978.

MIKESELL, Marvin W. The myth of nation state. **Journal of Geography***,* v.82, n.6, p.257-260, 1983.

MINCA, Claudio. Postmodernism/Postmodern Geography. (in) KITCHIN, Rob; THRIFT, Nigel. **Encyclopedia of Human Geography**. Elsevier, Amsterdam, 2009.

MITCHELL, Don. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**. New Series, v.20, n.1, p.102-116, 1995.

MITCHELL, Don. Explanation in Cultural Geography: A Reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans. **Transactions of the Institute of British Geographers**. v.21, n.3, p.580-582, 1996.

MITCHELL, Don. Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da ideia de cultura em geografia. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, nº8, p.31-51, ago/dez de 1999.

MUIR, Richard. Landscape: a wasted legacy. **Area,** v.30, n.3, p.263-271, 1998.

NANDY, Ashis. **A imaginação emancipatória: desafios do século 21**. Castro, Lucia Rabelo (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

OHMAE, Kenichi. **O fim do Estado-nação**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PORTEOUS, J. Douglas. **Planned to death: the annihilation of a place called Howdendyke**. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

PORTEOUS, J. Douglas; SMITH, Sandra E. **Domicide: the global destruction of home**. Montreal: Mcgill-Queen´s University Press, 2001.

PRICE, Marie; LEWIS, Martin. The Reinvention of Cultural Geography. **Annals of the Association of American Geographers**. V.83, n.1, p.1-17, 1993a.

PRICE, Marie; LEWIS, Martin. Reply: On Reading Cultural Geography. **Annals of the Association of American Geographers**. V.83, n.3, p.520-522, 1993b.

RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **The Canadian Geographer**, v.14, i.3, p.193-201, September, 1970.

RELPH, Edward. **Place and Placelesness**. London: Pion Limited, 1976.

RELPH, Edward. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**. New York: Barnes and Noble, 1981.

RELPH, Edward. The critical description of confused geographies (in): ADAMS, Paul C.; HOELSCHER, Steven; TILL, Karen E. **Textures of Place**. Minneapolis and London: Minnesota University Press, 2001.

SAÏD, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SAÏD, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**. São Paulo: Edusp, 2004a.

SANTOS, Milton. **Por um Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2004b.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2014.

SAUER, Carl. The personality of Mexico. **The Geographical Review.** V.31, n.3, july, 1941.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. (in): OAKES, Timothy S; PRICE, Patricia L (eds). **The Cultural Geography Reader**. New York: Routledge, 2008.

SCHEIN, Richard H. The Place of landscape: A Conceptual Framework for interpreting an American Scene. **Annals of the Association of American Geographers**, v.87, n.4, p.660-680, 1997.

SEEMANN, Jörn. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, n.17-18, p.65-76, jan-dez, 2004.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A geografia entre a materialidade e a imaterialidade. **Geotemas**, v.10, n.2, p.25-47, 2020.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; Costa, Alfredo. A inadequação das regionalizações culturais mediante os pressupostos do pós-colonialismo. Salvador: **Geotextos**, v.14, n.1, p.225-247, 2018a.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da Silva; COSTA, Alfredo. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. **Geografias**, v.16, n.1, p.27-41, 2018b.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da Silva; COSTA, Alfredo. Questionando as delimitações cartográficas da cultura. **Caminhos de Geografia**, v.21, n.73, p.445-457, 2020.

STEWART, John Q. Empirical Mathematical Rules concerning the Distribution and Equilibrium of Population. **Geographical Review**, v.37, n.3, p.461-485, 1947.

TSEBELIS, George. **Jogos ocultos: escolha racional no campo da política comparada.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

TUAN, Yi-Fu. Geography, Phenomenology, and the Study of Human Nature. **The Canadian Geographer,** v.15, n.3, 1971.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Escapism.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo.** São Paulo: Editora Unesp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Londrina: Eduel, 2013.

VALENTINE, Gill. Whatever happened to the social? Reflections on the "cultural turn" in British Human Geography. **Norwegian Journal of Geography**, v.55, p.166-172, 2001.

WATSON, James Wreford. The soul of geography. **Transactions of British Geographers,** v.8, n.4, p.385-399, 1983.

Recebido em: *04 de julho 2020*

Aceito em: *23 de setembro 2020*